

A aplicação de zoom após o Covid. Ponto de situação?

Durante a pandemia, que varreu o mundo neste período histórico e perturbado, que bênção ter sido capaz de se beneficiar de um novo dispositivo de comunicação remota e visual.

Obrigado ao progresso e à nova geração de engenheiros!

Anteriormente, eu estava relutante em aceitar até mesmo uma sessão telefônica (exceto em casos excepcionais). Mas neste período particular, quando estávamos todos confinados ao mesmo banho (distante e ansioso), felizmente, como muitos de meus colegas psicanalistas, pude observar que as curas telefônicas (apesar da ausência dos corpos) correram particularmente bem. Às vezes até conseguimos ter sessões excepcionais (talvez tenha sido a proximidade auditiva)? Este impacto impressionante, contra todas as probabilidades, nos obrigou a repensar nossa técnica e a avançar a teoria analítica.

Os psicanalistas que recusaram o dispositivo telefônico, pensando que a análise cara a cara era intocável por um Vírus contaminante que, no entanto, era muito real, perderam uma grande parte da oportunidade de entender o que é realmente um "ato analítico". Forçados a nos extrair de nosso dispositivo bem oleado, ao ficarmos mais atentos ao incomum de uma situação que improvisamente se impõe a nós, percebemos que o inconsciente filtra em todos os lugares, em cada interstício da vida. E que um dispositivo exigente e muito "enquadrado" não é necessariamente necessário... A transferência, em si mesma, estabelece a estrutura. E, portanto, ela pode ser configurada em qualquer lugar!

Esta é uma das lições que o Covid trouxe para o pensamento psicanalítico.

Durante todo este período, o visual online também teve algo excepcional: um ar de liberdade, enquanto permaneceu fechado na própria casa. Todos relegados ao mesmo lugar, a tecnologia digital nos permitiu manter contato com a família, amigos e colegas. Como resultado, os seminários continuaram a acontecer, reunindo muito mais ouvintes do que pessoalmente, felizes em compartilhar uma palavra sobre os temas psicanalíticos propostos. E o que era particularmente novo era compartilhar esta palavra com um público nas províncias e no exterior. Os grupos de trabalho também foram adaptados à tela, e foram

até mesmo aguardados com expectativa. Foram criados novos grupos de trabalho. As reuniões se multiplicaram. Os intercâmbios, um pouco tímidos no início, se tornaram frutíferos, fáceis, indispensáveis. Sem mencionar os momentos festivos, que no início tinham dificuldade de encontrar sua marca à distância, mas acabaram se tornando organizados e ritualizados. Mesmo os colóquios que eram convidados no mosaico zoom, reunindo psicanalistas de todos os países, de todos os continentes (graças a sistemas de tradução adaptados). Que alegria, apesar do isolamento, ter podido compartilhar estes momentos de internet, de comunicação visual, estes momentos de reunião tão aguardados, que se tornaram rituais quase indispensáveis, dos quais não poderíamos mais prescindir. O confinamento, paradoxalmente, nos reuniu, mas também manteve cada um de nós em uma zona de conforto íntimo, como uma concha protetora, um espaço familiar distante do mundo exterior, onde o confronto direto com o outro é adiado. Como resultado, ao contrário do costume parisiense, nos acostumamos a menos estresse, com a tensão mantida ao mínimo... Uma espécie de gozo de "ficar parado". Como procedemos antes do Covid? Obviamente, torna-se mais complicado deixar o benefício deste Éden ao alcance da vida cotidiana, para retomar o curso de nossa vida antes.

E finalmente, nada é o mesmo de antes! ...Bem, quase.

No geral, os pacientes estão de volta ao sofá. A prática analítica continua como antes, através de suas curas. As sessões impostas por telefone se tornaram raras novamente, e perderam seu impacto analítico, "específico para o dispositivo de confinamento".

Mas alguns pacientes adquiriram o gosto pelo controle remoto e persistem em estar ausentes, porque estão cansados ou doentes, porque estão ocupados ou trabalhando à distância, e continuam a exigir sessões por telefone. Enquanto estas razões eram dificilmente admissíveis antes da pandemia.

Especialmente porque os pacientes que costumavam viajar das províncias para se encontrar com seu analista em Paris agora se oferecem para alternar suas sessões com a fórmula do vídeo. É verdade que é menos caro e menos cansativo, mas o analista perde a força de sua transferência no caminho. E o desejo do analista atrofia em seu estilo e

dinâmica, com, no final, um trabalho analítico que tende a desacelerar, se não às vezes avariar... porque no final, muita distância, muito longa, fragiliza a análise. Da mesma forma, os pacientes, acostumados a viajar do exterior - uma viagem que, por sua distância geográfica, ajudou a reforçar a transferência - adquiriram o gosto por esta facilidade de comunicação, e estão se esforçando para mantê-la.

E é verdade que, desde a experiência do confinamento, o digital ganhou terreno no encontro humano, no impacto da transferência, contornando o importante papel, apontado por Lacan, que "a presença e o deslocamento do corpo do psicanalista" pode ter na sessão. O Visio on-line esbate os 'sentidos', tais como a voz (que (deformado), tocar (não mais possível), olhar (distorcido). As aplicações WhatsApp, Skype e Zoom mudaram o jogo. Eles transformaram as relações e o comportamento humano.

É claro que esta evolução na comunicação nos dá a vantagem de estender nossa prática a novos pacientes, aqueles que vivem em outros continentes (como a China ou a América). Isto dificilmente poderia ter sido previsto há alguns anos. Mas, será que este processo, através de telas interpostas, permite realmente a implementação de uma cura ao longo do comprimento do dispositivo? O que nos permite afirmar que estamos exercendo uma prática analítica neste tipo de sessão? Eu supervisiono os analistas que têm pacientes a uma grande distância e que nunca se encontram. Seu trabalho parece mais próximo da psicoterapia do que de um tratamento analítico.

Portanto, hoje, somos beneficiários desta vasta abertura planetária... Sou grato por este imenso progresso tecnológico. O encontro com o outro (expatriado, estrangeiro) facilita a amizade, as conversas privadas e públicas, o trabalho conjunto. À noite, quando tenho insônia, às vezes falo com meus amigos brasileiros ou argentinos... Falamos de nós mesmos, da política externa, de nossas respectivas associações, supervisionamos uns aos outros, refazemos o mundo.

No passado, mal pensávamos em telefonar uns para os outros (muito caro, comunicação ruim). Os e-mails eram a única maneira de enfrentar o desafio. Mas a tarefa era entediante e as respostas demoravam a chegar. Antes dos e-mails, havia o serviço postal, o que

significava que as trocas entre continentes eram arriscadas e raras. Agora estamos, por assim dizer, muito próximos.

Este novo modo de comunicação, bastante bem-vindo em termos de distância, amizade e trabalho pontual, exige que sejamos capazes de distinguir entre diferentes coisas. Apesar da mente aberta que Freud recomendava, este dispositivo online não representa, concreta e eticamente, uma nova técnica possível para a psicanálise. Se o inconsciente pode interferir na abertura de uma nova situação, penso que o momento de sua apreensão, no decorrer das sessões, é bloqueado a longo prazo porque muitas pistas, pensamentos, espontaneidades nos escapam...